

## Temos um sistema científico dependente de estágios não remunerados?

2016/05/03 - 10:34am

Os estágios não remunerados são a última grande moda da precariedade laboral, que persegue principalmente os mais jovens, e a área científica não é exceção. O sistema científico está repleto de obstáculos e incongruências que impedem grande parte dos alunos de seguirem uma carreira na área da Ciência. Artigo de Inês Bom, estudante de biologia e dirigente estudantil.

Os estágios não remunerados são a última grande moda da precariedade laboral que persegue principalmente os mais jovens, e a área científica não é exceção. O sistema científico está repleto de obstáculos e incongruências que impedem grande parte dos alunos de seguirem uma carreira na área da Ciência.

As incongruências começam quando para desenvolverem as teses de Mestrado os alunos, para além das propinas, têm de suportar os custos inerentes à tese de investigação, que podem ser muito variáveis dependendo do centro que os acolhe.

Seria razoável, pelo menos, que as propinas que os estudantes pagam servissem para financiar os seus próprios projetos de investigação. Mas na maioria dos casos isso não acontece, ficando o dinheiro nas instituições que recebem a propina. O Estado não considera os Mestrados como Investigação e a prova disso é que em 2013 foi entregue apenas uma bolsa de Investigação destinada a Mestrados. No entanto, os alunos e as suas famílias, depois de anos a pagarem a licenciatura, suportam mais este encargo por saberem que a licenciatura só por si não é garantia de emprego e muito menos de uma carreira científica.

Rapidamente os alunos descobrem que com a finalização do Mestrado as perspetivas não são muito mais animadoras. Se é verdade que existe um apoio, através de bolsas, muito superior para teses de Doutoramento e pós-doutoramento, também é igualmente verdade que a passagem do Mestrado para o Doutoramento é um passo difícil de dar, sendo que na maioria dos casos nunca é dado. Concorrer a uma bolsa de investigação, nomeadamente de doutoramento, somente com a tese de mestrado no currículo é um puro descargo de consciência, visto que as hipóteses de a ganhar são quase nulas. Quem consegue bolsas de doutoramento são investigadores que para além dos mestrados têm também vários artigos científicos já publicados.

A pergunta impõe-se: se para ganhar Bolsas de Doutoramento é preciso publicar artigos científicos e a maioria dos Mestres não consegue bolsa de Investigação, como conseguem estes investigadores publicar esses artigos? A resposta é que o fazem através de trabalho

voluntário em centros de investigação. Estes últimos ganham mais publicações, que podem significar maior financiamento, sem terem um gasto significativo com os investigadores. Estes, por sua vez, ganham com os artigos que publicam, a possibilidade de um dia conseguirem uma bolsa que lhes permita continuar a aspirar pela tal carreira científica. Parece uma espécie de simbiose onde todos ganham, mas não.

No final do dia temos estudantes a pagar para produzirem ciência, investigadores em trabalhos temporários para poderem pagar gasolina e alimentação para fazerem as suas investigações e um sem número de casos absurdos que não deveriam existir num país que diz querer investir na inovação tecnológica e científica.

A Ciência em Portugal está enredada num ciclo vicioso em que só entra quem tiver publicações feitas e só permanece quem muitas publicações produzir. Isto significa que só quem sai da faculdade, possuindo uma qualquer fonte de sustento, se pode permitir a fazer trabalho voluntário e publicar artigos para aspirar a ter uma bolsa de investigação e almejar vir a ter uma carreira científica. Ao invés, quem tiver de trabalhar assim que termina a sua licenciatura ou mestrado tem muito poucas hipóteses de conseguir vir a desenvolver trabalho de investigação na sua área. O acesso à investigação científica é assim fortemente limitada a quem tem meios materiais para se sustentar, enquanto que os que são obrigados a ir para o mercado de trabalho são excluídos.

Há vários motivos que justificam este ciclo vicioso, entre os quais um modelo de avaliação de Ciência baseado única e exclusivamente no número de publicações científicas que os investigadores produzem. Modelo este que não tem em consideração aspetos tão pertinentes como a divulgação da Ciência à Sociedade ou a carreira de professor em paralelo com a de investigador. É um modelo antiquado, injusto e que promove uma competição desenfreada num mundo que devia ser acima de tudo de cooperação e troca de conhecimentos, em vez de uma corrida ao próximo artigo.

É assim urgente repensar a forma de fazer Ciência, de avaliar os nossos investigadores e de apoiar os nossos estudantes. Mas podemos começar por refletir no número e forma de distribuição das bolsas de investigação. Bolsas quase exclusivamente para doutoramentos e doutorados são insuficientes e elitizam o trabalho científico visto que limitam da forma mais injusta aqueles que as podem conseguir. Precisamos de mais bolsas disponíveis para os e as estudantes que terminam as suas licenciaturas e mestrados. É fundamental que possam ter uma carreira de investigação com a respetiva valorização social, apoio e condições de vida dignas para não ficarem à mercê dos estágios científicos não remunerados.

*Artigo de Inês Bom, estudante de biologia e dirigente estudantil.*

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)

• Ficha Técnica

---

**Source URL:** <http://www.esquerda.net/en/artigo/temos-um-sistema-cientifico-dependente-de-estagios-nao-remunerados/42586>